



Índice

Editorial	1
Mudanças na Equipa de Coordenação	2
Agradecimento ao Rui Vieira	2
III workshop grudis - feedback	3
IV workshop grudis	4
XIV Conferência grudis - feedback	5
GPR: um balanço e novos desafios	6
Accounting events	7
Publicações de membros do grudis	8
Espaço de opinião sobre investigação	
Horizonte 2020: oportunidade a não desperdiçar	9
Novas tendências na investigação em Contabilidade Pública	11
Notas sobre Contabilidade	13

Editores da grudisletter

Rui Robalo
Carla Carvalho

Equipa de Coordenação do grudis

Aldónio Ferreira
Carla Carvalho
Helena Isidro
João Oliveira
Lúcia Rodrigues
Paulo Alves
Rui Robalo
Sofia Lourenço

E-mail: coordenacao.grudis@gmail.com

A Equipa de Coordenação do grudis esclarece que os textos que constam na grudisletter são da inteira responsabilidade dos autores que os assinam e que a informação acerca das publicações dos grudistas resulta das respostas recebidas dos mesmos.

Editorial

As grudisletters têm sido um importante meio de comunicação entre a Equipa de Coordenação e os membros do grudis. Através delas têm-se divulgado as decisões mais importantes tomadas pela Equipa de Coordenação e têm-se apresentado conteúdos que procuram estimular a investigação em Contabilidade nas mais variadas formas. Esta grudisletter é mais um exemplo destas linhas de orientação seguidas pela Equipa de Coordenação.

As primeiras notícias que avançamos nesta grudisletter prendem-se com as mudanças ocorridas na Equipa de Coordenação. Ao nível dos membros temporários ocorreu a substituição do Francisco Carreira pela Sofia Lourenço, e no que respeita aos membros permanentes deu-se a substituição do Rui Vieira pela Helena Isidro. Durante 12 anos o Rui Vieira desempenhou um importante papel na Equipa de Coordenação, havendo a necessidade de lhe ser feito, nesta grudisletter, um merecido agradecimento por todos os seus contributos para a nossa comunidade grudis. Outra notícia relevante relacionada com a Equipa de Coordenação refere-se à criação de um órgão consultivo, o grudis Advisory Board, para decisões de carácter estratégico.

São também notícia nesta grudisletter os mais recentes encontros científicos grudis. São reportados feedbacks do III workshop grudis realizado no passado dia 14 de novembro no ISCTE-IUL e da XIV Conferência grudis ocorrida no passado dia 24 de janeiro na Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho. Mas sendo o grudis um grupo dinâmico, já no próximo dia 22 de maio vai realizar-se o IV workshop grudis na Escola Superior de Gestão e Tecnologia do Instituto Politécnico de Santarém. Os organizadores deste workshop apelam à participação de todos os grudistas.

Mas encontramos nesta grudisletter muitos mais estímulos à investigação. É reforçada a utilidade do grudis peer review, desafiando-se os grudistas a fazerem uso deste nobre programa. Identificam-se os accounting events com datas de submissão dentro dos próximos seis meses. São divulgadas publicações de membros do grudis, a quem endereçamos os nossos parabéns, constituindo as suas publicações um estímulo para todos nós. Contamos, ainda, com duas excelentes peças no já habitual espaço de opinião sobre investigação. A primeira delas atende à importância dos fundos comunitários à investigação no âmbito do Horizonte 2020 e a segunda peça aponta-nos novos desafios no âmbito da investigação em Contabilidade Pública.

Para terminar, aconselhamos a leitura de mais uma estimulante crónica do José Moreira.

Rui Robalo e Carla Carvalho

Mudanças na Equipa de Coordenação

A Equipa de Coordenação do *grudis* continua o seu processo de renovação, merecendo destaque três aspetos. Primeiro, como é habitual, procedeu-se recentemente à troca de testemunho entre o líder da organização local da penúltima conferência *grudis*, pela líder da organização local da próxima conferência. Relembro que, tal como anunciado durante a conferência *grudis* em Braga, em 2016 a conferência rumará a Lisboa, onde seremos acolhidos no Instituto Superior de Economia e Gestão, tendo a Sofia Lourenço como líder da organização local. No âmbito deste processo, despedimo-nos do Francisco Carreira ao mesmo tempo que damos as boas-vindas à Sofia Lourenço na Equipa de Coordenação. Para nosso regozijo, o Francisco Carreira continua a servir o *grudis* como embaixador, papel no qual tem sido muito bem-sucedido. Não obstante, apresentamos aqui um muito obrigado ao Francisco Carreira por ter aceitado a responsabilidade de organizar a penúltima conferência *grudis*. Ele fê-lo de braços abertos e agradeceu-nos com uma excelente execução do evento, dando assim um grande contributo para o nosso grupo. Bem-haja!

O segundo aspeto que merece destaque, e que representa uma mudança mais profunda na Equipa de Coordenação, é a substituição de um dos membros permanentes. O Rui Vieira deixou a Coordenação pelas razões mais nobres (ver artigo *Agradecimento ao Rui Vieira*), abrindo assim espaço para o convite que endereçámos à Helena Isidro para se juntar à Equipa de Coordenação. É pois com grande satisfação que anunciamos que a Helena Isidro passou a fazer parte do núcleo permanente da Coordenação, uma excelente “aquisição” para a nossa Equipa! A Helena, que é membro do *grudis* desde outubro de 2001 e uma das colegas mais produtivas em termos de publicações, traz consigo anos de experiência, incluindo vários anos no seio da comissão científica dos congressos anuais da *European Accounting Association*. Esta experiência é uma mais-valia que esperamos capitalizar no desenvolvimento das conferências *grudis*.

O terceiro aspeto é de carácter estratégico. A Equipa de Coordenação aprovou a instituição do designado

grudis Advisory Board, um órgão consultivo da Equipa de Coordenação para questões de carácter estratégico. A instituição deste órgão representa um marco importante no processo de desenvolvimento do *grudis* e irá contribuir para o aprofundamento do papel do *grudis* na nossa academia. A Coordenação decidiu formar uma equipa com sete membros, representativa do grupo. Felizmente, o *grudis* está muito bem dotado em termos de talentos, pelo que não foi difícil identificar membros potenciais para o *Advisory Board*. Os convites foram endereçados e aceites, sendo este órgão formado pelos seguintes colegas: Ana Maria Rodrigues, Hernâni Carqueja, José Moreira, Maria João Major, Paulo Alves, Rui Vieira e Teresa Eugénio. Temos uma equipa formidável! O Paulo Alves, que se mantém como membro associado da Coordenação, fará a ponte entre o *Advisory Board* e a Equipa de Coordenação.

Aldónio Ferreira

Agradecimento ao Rui Vieira



O Rui Vieira aderiu ao *grudis* em 2001, tendo feito parte da primeira equipa que constituiu o Grupo de Reflexão Estratégica (GRE), o embrião que veio a dar lugar à atual Equipa de Coordenação. Na base do convite para fazer parte do então formado GRE, estiveram as suas qualidades pessoais e competências profissionais, e a sua vontade de afirmar a investigação em contabilidade em Portugal. O Rui, que o Aldónio conheceu em 2001, impressionou-o pelo seu sentido crítico e espírito acutilante, mas também lealdade aos amigos. Estas qualidades vieram a confirmar-se ao longo dos anos em que colaborou com a Coordenação. O Rui revelou-se um ferrenho defensor da qualidade,

valor fundamental do *grudis*, e um promotor por excelência de iniciativas em benefício dos nossos membros mais novos e, em particular, dos doutorandos. Doze anos volvidos, o Rui deixa a Coordenação e um grande legado ao *grudis*.

Em agosto de 2014 o Rui colocou à disposição o seu lugar na Coordenação de modo a permitir rotatividade interna. A política de rotatividade foi introduzida em 2009 com o objetivo de permitir a entrada de “sangue novo” na Coordenação, mantendo-a fresca, dinâmica, e aberta a novas ideias e talentos. A Coordenação sabe bem o quão difícil esta decisão foi para o Rui, não só pela sua enorme dedicação à missão do *grudis*, mas também porque lhe permitia, estando o Rui a viver no estrangeiro há vários anos, fazer a ponte com a comunidade académica a residir em Portugal. Por isso, a sua decisão revela grande altruísmo, corroborando a evidência dessa nobre qualidade do Rui que temos vivenciado ao longo dos anos.

A Coordenação aceitou o pedido do Rui mas, felizmente para o *grudis*, conseguiu que o seu enorme talento fosse canalizado para o *grudis Advisory Board*, estrutura de que faz parte desde março de 2015. Não obstante, entendemos ser adequado prestar-lhe aqui um agradecimento especial por tudo o que ele fez pelo *grudis* ao serviço da Coordenação.

Os contributos do Rui foram muitos e diversificados, mas onde se salientou mais foi na difícil tarefa de coordenar a preparação das conferências *grudis*. No âmbito destas responsabilidades, coube ao Rui liderar as comissões científicas das conferências, estabelecer os contactos formais com as instituições de acolhimento e prestar a assistência necessária às organizações locais, permitindo que as conferências fossem um misto de continuidade e inovação. Graças aos seus esforços, as conferências apresentaram sempre um carácter local ao mesmo tempo que observámos uma tendência de melhoria contínua da sua qualidade.

Rui, um grande e sincero muito obrigado por tudo o que fizeste pelo nosso *grudis* ao serviço da Coordenação. Bem hajas!

A Equipa de Coordenação do *grudis*

III workshop *grudis* - feedback



No dia 14 de novembro de 2014 realizou-se o III *workshop grudis*. O ISCTE-IUL ofereceu o seu palco para colocar em cena a “Investigação Quantitativa em Contabilidade”. O convite foi preparado como se de uma arte se tratasse. E porque não? A arte de investigar... onde se observa e se interpreta.

A abertura dos atos foi levada a efeito pela Maria João Major. Em nome do ISCTE-IUL e da BRU/UNIDE deu as boas-vindas a todos os que aceitaram participar neste evento, o qual proporcionou simultaneamente bons momentos de convívio e de *networking*.

No primeiro ato, a Isabel Lourenço (ISCTE-IUL) conduziu os trabalhos na vertente da Contabilidade Financeira. Como pode ser definida a investigação quantitativa, vantagens da sua aplicação, principais temas publicados em *top journals*, principais preocupações e pistas para futura investigação usando “*innovative research*”, foram alguns dos tópicos abordados neste painel.

De seguida, a Sofia Lourenço (ISEG) apresentou o tema da investigação quantitativa, mas enquadrando-o na vertente da Contabilidade e Controlo de Gestão. A partir da distinção inicial face à investigação qualitativa, debateu os principais métodos de investigação quantitativa aplicados à “*managerial accounting*”, com principal destaque para “*field studies*”, “*experiments*” e “*simulations*”, e correspondentes *top journals* que publicam os *outputs* deste tipo de investigação.

Finalmente, o Jonas Oliveira (ISCA-UA) apresentou a temática da investigação quantitativa na vertente da Contabilidade Social. Após o enquadramento do tema, realçou a forma como a Contabilidade Social está relacionada com o risco de divulgação (*risk reporting disclosures*) e com o risco de reputação (*corporate image or reputation*), comparando empresas financeiras e não financeiras, destacando as principais conclusões publicadas em *journals* que acolhem estes tópicos.

Estes três investigadores cativaram permanentemente o interesse da audiência com apresentações de elevada qualidade. E aqui marca-se o fim do primeiro ato. Seguiu-se o intervalo para um merecido “*coffee break*”, o qual permitiu bons momentos de confraternização.

O segundo ato iniciou com o Paulo Alves (UCP), que abriu o debate ao público, não sem antes efetuar um excelente resumo de todas as comunicações, tendo partilhado também a sua experiência enquanto investigador, e testemunhado o quão difícil (mas gratificante) pode ser cada uma das etapas de investigação até à publicação do “nosso *paper*”.

O debate foi bastante participativo, com diversas intervenções da plateia, tendo sido inevitável a discussão acerca da investigação quantitativa vs. investigação qualitativa, nos EUA vs. Europa, e nas parcerias com autores de diferentes universidades (e países). Pontos de vista semelhantes e distintos foram apresentados e discutidos entre todos os presentes, num saudável convívio entre todos, num ambiente de companheirismo e amizade, onde a honestidade intelectual ocupou um dos principais papéis.

O nosso desejo é que, cada um dos participantes, ao ler estas linhas recorde com saudade este momento e se questione... “quando é o próximo *workshop*?”

Ana Isabel Lopes, Carla Carvalho e Rui Robalo

IV *workshop grudis*: Como aumentar o sucesso de publicação em revistas internacionais?



Os *workshops grudis* têm proporcionado excelentes momentos de debate sobre temas de interesse para a nossa comunidade de investigadores em Contabilidade. Para a excelência destes momentos em muito têm contribuído a pertinência dos temas, a qualidade dos oradores e moderadores, a forte participação dos membros do *grudis*, e o exemplar acolhimento das Escolas que têm recebido estes eventos.

O IV *workshop grudis* incorpora todos os pontos fortes atrás mencionados. Apresenta um tema que vai ao encontro de necessidades sentidas por membros do *grudis* e demais investigadores, embora em graus diferenciados, em serem mais eficazes nos processos de publicação dos seus trabalhos em revistas com padrões internacionais. Certamente que muitos de nós já experimentaram situações de insucesso em diferentes fases destes processos, sendo que algumas poderiam ter sido evitadas ou geridas de forma mais eficaz. Um *workshop* com o objetivo de apoiar os investigadores em Contabilidade a lidar com as mais diversas situações em processos desta natureza reveste-se, assim, de elevada pertinência.



O debate deste tema no IV *workshop grudis* torna-se mais rico por contar com investigadores do *grudis* que já vivenciaram múltiplas experiências nos já referidos processos e que estão dispostos a partilhá-las com a

restante comunidade de investigadores. Contamos com a generosidade de quatro ilustres investigadores em Contabilidade (Lúcia Lima Rodrigues, Inês Cruz, Manuel Castelo Branco e Patrícia Gomes), com experiência de publicação nos seus mais importantes papéis: autor, revisor e editor. O debate beneficia, ainda, do facto deste grupo de investigadores abarcar diferentes áreas de investigação em Contabilidade.

Mas para um debate profícuo precisamos de uma audiência interessada, interventiva, que questione e partilhe as suas experiências com os restantes colegas. Ou seja, o tipo de audiência a que nos habituamos a ter em *workshops* e conferências *grudis*. Vimos assim reforçar, junto de vós, o nosso convite para estarem presentes no próximo dia 22 de maio, entre as 14h e as 18h, na Escola Superior de Gestão e Tecnologia do Instituto Politécnico de Santarém (ESGT do IPSantarém), na qual serão acolhidos com a elevada hospitalidade típica do *grudis* e das gentes do Ribatejo.



A ESGT do IPSantarém (www.esgt.ipsantarem.pt) é uma das cinco Escolas que integram este Instituto situado na capital do Gótico. A cidade de Santarém, tendo como *ex libris* o Tejo e as lezírias que o ladeiam, é também conhecida pela sua riqueza gastronómica, além da tradição na arte equestre e de uma atmosfera de criatividade artística (das letras com as Viagens de Garret, à etnografia revelada nos painéis de azulejo que revestem o antigo mercado municipal situado bem próximo dos paços do concelho). Todas elas boas razões adicionais para vos levarem a participar no IV *workshop grudis*. Não hesitem e procedam, o quanto antes, e até ao dia 20 de maio, à vossa inscrição em <http://goo.gl/forms/6pO1b5XN4L>. Relembremos que a inscrição é gratuita e que será emitido um certificado de participação. Contamos convosco na ESGT do IPSantarém.

Rui Robalo e Carla Carvalho

XIV Conferência *grudis* - *feedback*



Realizou-se no passado dia 24 de janeiro, na Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho, o encontro anual do *grudis* que contou com algumas novidades, quer em termos de designação do evento, quer em termos da própria estrutura. Assim, a partir de 2015 o evento passou a designar-se de Conferência *grudis*.

O encontro anual do *grudis* é um *revoir* de amigos, a oportunidade de contactar com colegas investigadores mais experientes, de colegas em início de carreira, de *grudistas* mais velhos e mais novos ou que aderem ao nosso grupo de investigação em Contabilidade. É uma troca de experiências e conhecimento que nos deixa sempre saudades até ao próximo encontro.

A XIV Conferência *grudis* contou com mais de 60 participantes, oriundos de várias instituições do país. Conseguiu-se ter participantes do norte e sul do país, o que nos deixa muito felizes, pois significa que a comunidade *grudis* é dinâmica e cuja relevância no panorama nacional sustenta a movimentação física dos investigadores em Contabilidade.

Este ano tivemos a oportunidade de ter connosco um investigador internacional, o Prof. William Rees da Universidade de Edimburgo, que partilhou connosco algumas preocupações relativas à metodologia quantitativa, apresentando a palestra intitulada “*Misleading Results in Accounting Research*”.

Uma característica diferenciadora das Conferências *grudis* continua a ser a elevada qualidade dos projetos de investigação e artigos aceites e respetivas apresentações pelos autores. O trabalho dos quase 20 *discussants* no dia da Conferência e o processo de revisão dos artigos pelos *reviewers*, coordenados pelo colega Rui Vieira, fizeram desta conferência um fórum importante para obter sugestões sobre os mesmos, permitindo os seus desenvolvimentos. A Conferência foi assim preenchida com a habitual apresentação de trabalhos completos (13 artigos) e também projetos de investigação (5 projetos de tese). Dada a dimensão que o evento já assume, este ano houve necessidade de gerar três sessões paralelas. De novo, esta Conferência *grudis* se revelou como o expoente máximo da investigação em Contabilidade no nosso país.

Os temas apresentados foram muito diversos. Tivemos temas como a responsabilidade social e empresarial, a ética, qualidade da informação contabilística, o justo valor, a importância da informação contabilística para a reeleição do autarca, política de incentivos e desempenho, fiscalidade, história da contabilidade, contabilidade de custos, papel do contabilista de gestão, contabilidade pública.

Esperamos que o evento tenha sido gratificante a vários níveis, e que o projeto *grudis* continue a ser uma realidade em crescendo. A comissão organizadora local sentiu-se muito honrada por ter tido a oportunidade de receber tantos colegas na Escola de Economia e Gestão, Universidade do Minho. Até à próxima Conferência *grudis*!

Lúcia Lima Rodrigues,

Filomena Brás, Delfina Gomes e Lídia Oliveira

GPR: um balanço e novos desafios

O programa GPR – *grudis peer review* – tem 2 anos de funcionamento, e para a equipa do GPR entrou a Helena Isidro, em substituição do Rui Vieira, a quem agradecemos o seu contributo. Foi oportunidade de

analisar o percurso efetuado e refletir sobre como pode o GPR melhor servir a comunidade *grudis*.

O GPR visa contribuir para a melhoria da qualidade dos trabalhos de investigação, com base na revisão de artigos de membros do *grudis* por dois outros membros do grupo. A obtenção de *feedback* construtivo de outros investigadores com boas publicações é a melhor (senão a única) forma de melhorar o trabalho e conseguir boas publicações. Este programa dá aos autores a possibilidade de terem dois investigadores especializados na área do trabalho, que dedicam vários dias a analisá-lo. Esta ajuda é fundamental e vai muito além do *feedback* obtido através de participação em conferências, com frequência apenas superficial. Os resultados dos inquéritos aos autores que submeteram artigos para revisão são encorajadores: a qualidade dos comentários foi avaliada em 4.17/5 e a gestão do processo de revisão, bem como a avaliação global do programa GPR, foram avaliadas em 5/5. Os participantes consideraram como muito provável (4.67/5) voltar a participar no programa.

O desafio para o GPR é agora crescer em quantidade, mantendo a qualidade dos resultados obtidos. Com base numa auscultação informal da comunidade *grudis*, identificaram-se 5 áreas críticas para o aumento da utilização do GPR, de forma sustentada e mantendo a qualidade dos processos de revisão:

1) **Aumentar o conhecimento dos *grudistas* sobre o GPR.** Irá ouvir falar do GPR nos próximos tempos! Para além deste artigo e do regulamento em <http://www.grudis.pt/programa-gpr-grudis-peer-review/>, iremos utilizar diversos meios para aumentar a notoriedade do GPR.

2) **Clarificar a abrangência dos destinatários do GPR.** Alguns membros consideram que o GPR não se lhes destina devido à sua falta de experiência, ao mesmo tempo que outros consideram o mesmo pela razão oposta. Na realidade, o GPR destina-se a membros com qualquer nível de experiência. De facto, os autores que

já submeteram artigos variam entre terem doutoramento há mais de 10 anos, há muito pouco tempo, ou ainda não o terem concluído. Por isso, o GPR é para SI!

3) Reposicionar o GPR para **acolher trabalhos em fases intermédias / avançadas, e não apenas pré-publicação**. Estamos em crer que o GPR terá assim maior contribuição para a melhoria dos trabalhos e aumentar a possibilidade de sucesso em publicação.

4) **Enfatizar a enorme valia dos revisores** do programa GPR nas várias áreas da contabilidade. Dentro do total de 78 potenciais revisores, entre 35-45 indicaram competências nas áreas mais populares: *financial reporting, management accounting, case/field study; empirical archival; survey*. A maior parte das restantes áreas contou com 10-20 *grudistas*, e nenhuma menos de 6. Esta é uma “pool” de especialistas valiosa e, no contexto português, assinalável. Por isso, qualquer que seja a sua investigação, estamos confiantes ser possível encontrar um revisor com competências na área relevante.

5) Salientar e melhorar a **rapidez dos processos de revisão**. Propomo-nos a conseguir um prazo de 30 dias entre a receção do artigo e o envio das revisões. Consideramos que é um tempo muito satisfatório, considerando o trabalho solicitado aos revisores, e que para efeitos de publicação este período é largamente compensado pelo potencial valor proporcionado aos autores. De qualquer modo, e apesar da nossa satisfação com o atual desempenho, tentaremos melhorá-lo ainda mais.

Convidamo-lo a considerar a utilização do programa GPR nos artigos que tiver em curso e não hesite em contactar-nos para qualquer esclarecimento.

Esperamos a sua participação no programa GPR, enviando um artigo para joao.oliveira@fep.up.pt.

João Oliveira e Helena Isidro

Accounting events

IV workshop *grudis*

Escola Superior de Gestão do Instituto Politécnico de Santarém, Portugal, May 22, 2015

Submission deadline: **May 20**

http://si.esgt.ipsantarem.pt/esgt_si/noticias_geral.ver_noticia?P_NR=5964

V Congresso dos TOC

Meo Arena, Lisboa, Portugal, September 17-18, 2015

Submission deadline: **May 25, 2015**

<http://congresso.otoc.pt/pt/>

XI International Accounting Research Symposium

Universidad Autónoma de Madrid, Spain, June 29 - July 3, 2015

Submission deadline: **May 25, 2015**

<http://www.uam.es/otros/simposio/>

8th Conference on Performance Measurement and Management Control

Nice, France, September 30 - October 2, 2015

Submission deadline: **June 15, 2015**

http://www.eiasm.org/frontoffice/event_announcement.asp?event_id=1035

14th Australasian Centre on Social and Environmental Accounting Research Conference A-CSEAR 2015

Sydney, Australia, December 10-11, 2015

Submission deadline: **June 15, 2015**

<http://academic-conferences.org/acsear/acsear2015/acsear15-call-papers.htm>

11th Interdisciplinary Workshop on Intangibles, Intellectual Capital and Extra-Financial Information

Athens, Greece, September 17-18, 2015

Submission deadline: **June 15, 2015**

http://www.eiasm.org/frontoffice/event_announcement.asp?event_id=1093#4185

Eden Doctoral & Young Scholars Seminar on Intangibles, Intellectual Capital & Value Creation

Athens, Greece, September 14-19, 2015

Application Deadline: **June 29, 2015**

http://www.eiasm.org/frontoffice/eden_announcement.asp?event_id=1122

The First European Colloquium on Qualitative Research Methods in Business and Accounting

University of Verona, Italy, July 14-15, 2015

Submission deadline: **July 6**

<http://www.univr.it/html/1eqc/>

Eden Doctoral Seminar on Quantitative Empirical Research on Management Accounting

Brussels, Belgium, December 14-18, 2015

Application Deadline: **October 10, 2015**

http://www.eiasm.org/frontoffice/eden_announcement.asp?event_id=1129

Publicações de membros do *grudis*

De outubro de 2014 a março de 2015

Revistas com *referee*

Brito, J., Jorge, S.M. (2014), 'Princípios e práticas orçamentais no Governo Central de Cabo Verde: uma análise na perspetiva dos preparadores e controladores da execução do Orçamento de Estado', *Revista Contabilidade & Gestão (Portuguese Journal of Accounting and Management)*, 15: 75-116.

Caetano, D., Eugénio, T. (2015), 'Relato de sustentabilidade de empresas da construção civil em Portugal e Espanha', *Revista Ambiente Contábil*, 7(1): 273-290.

Capelo, C., Lopes, A.I., Mata, A. (2015), 'A simulation-based approach for teaching the systems perspective of strategic performance management', *Accounting Education: An International Journal*, 24(1): 1-26.

Jesus, M.A., Jorge, S.M. (2014), 'From governmental accounting into national accounts: adjustments diversity and materiality with evidence from the iberian countries central governments', *INNOVAR, Journal of Administrative and Social Sciences, Revista da Universidad de Colombia [Innovar: Revista de Ciencias Administrativas y Sociales]*, 24(54): 121-138.

Jesus, M.A., Jorge, S.M. (2015), 'Governmental budgetary reporting systems in the European Union: is the accounting basis relevant for the deficit reliability?', *International Review of Administrative Sciences*, 81(1), 110-133.

Jorge, S.M., Jesus, M.A., Laureano, R. (2014), 'Exploring determinant factors of differences between governmental accounting and national accounts budgetary balances in EU member States', *Transylvanian Review of Administrative Sciences*, Special Issue, 10: 34-54.

Lopes, A.I., Caetano, T.T. (2015), 'Firm-level conditions to engage in public-private partnerships: what can we learn?', *Journal of Economics and Business*, 79: 82-99.

Mata, C., Fialho, A., Eugénio, T. (2014), 'A análise da investigação em contabilidade sobre relato ambiental: 2006-2011', *Revista Universo contábil*, 10(4): 182-199.

Oliveira, H.C. (2014), 'The balanced scorecard operating as a risk management tool', *Review of Economic Studies and Research Virgil Madgearu*, VII(2): 41-57.

Quesado, P., Aibar, B., Rodrigues, L.L. (2014), 'Determinant factors of the implementation of the balanced scorecard in Portugal: empirical evidence in public and private organizations', *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, 16: 199-222.

Quesado, P., Aibar, B., Rodrigues, L.L. (2014), 'La influencia de factores relativos a la estrategia organizativa y al entorno en la adopción del cuadro de mando integral en empresas portuguesas', *Revista de Contabilidad-Spanish Accounting Review*, 17(2): 163-173.

Rodrigues, L.L., Craig, R., Schmidt, P., Santos, J. (2014), 'Documenting, monetising and taxing Brazilian slaves in the eighteenth and nineteenth centuries', *Accounting History Review*, 25(1): 43-67.

Livros e capítulos de livros

Brás, F. A. (2015), Human capital accounting: a contribution to innovation management or a fairy tale?, In C. Machado & P. Davim (Eds.), *Innovation management in research and industry* (111-134). Berlin, Boston: De Gruyter.

Paiva, I., Lourenço, I. (2014), *Determinants of earnings management in tourism industry: an international perspective*, In Santos, J.A., Correia, M., Santos, M. & Serra, F. (eds.), *Contemporary issues in tourism and management studies, TMS Conference Series* (173-188). Edições UAlgESGHT.

Rua, S.C. (2014), *O reconhecimento dos ativos fixos tangíveis dos municípios portugueses: do POCAL às NICSP do IPSAS*, In Perspetivas contemporâneas em gestão financeira e contabilidade, Vol. I (337-353). Editores Celísia Baptista, Marisol Correia e Margarida Jesus.

Espaço de opinião sobre investigação

Horizonte 2020: oportunidade a não desperdiçar



No contexto europeu, os diversos programas-quadro que têm vindo a financiar a investigação e o desenvolvimento não têm facilitado a interação entre as instituições de ensino superior (IES) e as organizações (públicas ou privadas). As IES são geradoras de conhecimento através de projetos de investigação fundamental e aplicada. Em paralelo, as organizações (públicas ou privadas) têm necessidade de inovar para melhorar os seus serviços, produtos ou processos e, consequentemente, utilizar o conhecimento gerado pelas IES. Assim, a parceria entre IES e organizações em projetos de investigação aplicada é fundamental para que a transferência de conhecimento das IES para as organizações seja uma realidade. Naturalmente, com todo o benefício que isso acarretaria para o desenvolvimento socioeconómico das regiões, do país e da Europa.

A União Europeia, apercebendo-se desta dificuldade, alterou significativamente a metodologia a utilizar no Programa-Quadro de Investigação e Inovação para o período que medeia entre 2014 e 2020, vulgarmente conhecido por Horizonte 2020^{1,2}. Esta alteração, integrando a investigação e a inovação, desde a conceção de ideias até ao mercado, abre diversas janelas de oportunidade a todos os investigadores, independentemente da sua área científica, podendo no entanto, pela sua transversalidade, no âmbito de uma estratégia que conduza a um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo, destacar a área das ciências socioeconómicas e humanidades onde se insere o estudo das Ciências Empresariais.

Um dos objetivos do Programa-Quadro Horizonte 2020 ao integrar vários processos, desde a investigação fundamental ao mercado, passando pela investigação aplicada, pelo desenvolvimento tecnológico e pela experimentação, consiste em potenciar o desenvolvimento das organizações, em geral, e das pequenas e médias empresas (PME), em particular, não esquecendo a necessidade de desenvolver as estruturas de apoio ao cidadão enquadradas pela administração central ou pelo poder autárquico. Face ao exposto, o desenvolvimento de parcerias entre organizações (públicas ou privadas) e IES é fundamental para dinamizar o desenvolvimento de novos produtos e/ou serviços desde a ideia inicial à sua colocação no mercado, passando pela fase de inovação ditada pela necessidade dos consumidores. O desenvolvimento destas parcerias é, manifestamente, uma

¹ Regulamento (UE) N.º. 1290/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho de 11 de dezembro de 2013

² Regulamento (UE) N.º. 1291/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho de 11 de dezembro de 2013

oportunidade para os investigadores de todas as áreas científicas que estimula a colaboração multidisciplinar e reforça a participação de investigadores da área das Ciências Sociais e Humanas.

Os investigadores, devidamente enquadrados pelas IES ou centros de investigação, deverão assumir uma atitude pró-ativa e procurarem encontrar organizações (públicas ou privadas) disponíveis para em conjunto encontrarem soluções para potenciarem produtos e/ou serviços que necessitem de incorporar novas ideias para serem competitivos no mercado nacional e/ou internacional. Finalmente, e atendendo às características deste programa-quadro, pensamos que o *grudis*, rede portuguesa de investigação em contabilidade, pode ter um papel relevante no âmbito do Horizonte 2020, dinamizando a monitorização das diversas chamadas (*calls*) para apresentação de projetos.

O Gabinete de Promoção do Programa Quadro de I&DT (GPPQ) da Fundação para a Ciência e Tecnologia disponibiliza, através do seu sítio³, toda a informação necessária para que os investigadores possam fazer a gestão completa dos seus projetos desde a fase de chamada de propostas até à sua submissão. Analisando o sítio do GPPQ podemos verificar que já foram registadas 132 *calls* para apresentação de propostas àquele Programa-Quadro e que há neste momento a correr 57 *calls* cujo prazo de apresentação de propostas termina em vários momentos ao longo de 2015. Estão igualmente disponíveis as *calls* que abrirão ainda em 2015.

Entre os pilares em que o Programa-Quadro Horizonte 2020 se divide, o pilar I – Excelência científica, o Pilar II – Liderança industrial e a Parte IV - Horizontal podem acolher várias propostas na nossa área de estudo. Por exemplo, na parte IV no programa - Ciência com e para a Sociedade, o montante do financiamento disponível é de 5,3 milhões de euros e a abertura da *call* foi no dia 22-04-2015. Os investigadores devem aceder ao sítio e, para os temas que sejam do seu interesse, procurar *calls* para as quais possam apresentar propostas.

O GPPQ disponibiliza, igualmente, dados relativos à participação portuguesa no Horizonte 2020. Destes, destacamos a participação portuguesa por tema e o financiamento português igualmente por tema⁴.

Em suma, existem montantes de financiamento muito aliciantes, existem possibilidades de candidatura a projetos em vários momentos e existem áreas de interesse para os *grudistas*.

Para facilitar o acompanhamento das novidades relativas ao Horizonte 2020, os *grudistas* poderão subscrever a *newsletter* GPPQ, mantendo-se a par das futuras *calls* e também das várias iniciativas organizadas pelo GPPQ. Poderão igualmente recorrer ao apoio daquele gabinete para preparação das suas propostas e também à ajuda que pode ser dada pelos *National Contact Points*.

Augusta Ferreira e Carlos Santos

³ <http://www.gppq.fct.pt/h2020/h2020.php>

⁴ Disponíveis em http://www.gppq.fct.pt/h2020/participacao_pt.php.

Espaço de opinião sobre investigação

Novas tendências na investigação em Contabilidade Pública



O setor público tem sido um campo de investigação particularmente profícuo nas últimas décadas. Tal facto não é alheio a um conjunto de reformas que o têm aproximado do setor privado que, começando com a *New Public Management* nos anos 80, se têm estendido até ao contexto mais atual da *New Public Governance* (Osborne, 2006), onde se procuram novas formas de organização das entidades e de prestação de serviços, enfatizando a colaboração dos cidadãos na coprodução de serviços públicos, o valor público dos serviços prestados e a transparência e prestação de responsabilidades (*accountability*) por parte de políticos e gestores públicos.

Como seria expectável, a Contabilidade Pública não tem ficado fora deste contexto de reformas, tendo, no âmbito da *New Public Financial Management* (Olson et al., 1998), conhecido mundialmente uma mudança paradigmática – a introdução do regime do acréscimo, típico da contabilidade empresarial. Paralelamente, tem-se incrementado a harmonização internacional na Contabilidade Pública, nomeadamente com a publicação, a partir de 1997, pelo *International Public Sector Accounting Standards Board*, de normas internacionais (*International Public Sector Accounting Standards* – IPSASs) inspiradas nas IFRSs empresariais que, a serem adotadas e/ou adaptadas pelos diversos países, permitirão também harmonização entre contabilidade dos setores público e privado.

A nível europeu, a harmonização da Contabilidade Pública está finalmente na agenda política. Depois de vários anos em que foi dado aos Estados-membros o livre arbítrio de reformarem os seus sistemas contabilísticos introduzindo (ou não) a base de acréscimo à medida do entendimento de cada um, não questionando os sistemas orçamentais, chegou um momento em que a crise económico-financeira levou as instâncias europeias a pensar de modo diferente. A necessidade de terem estatísticas fiáveis para apoiar a monitorização da disciplina orçamental em que assenta a moeda única e o reconhecimento de que os investidores nos mercados precisam de ter informação relevante e comparável para aferir dos riscos e responsabilidades dos vários governos que estão a financiar, levou a UE finalmente a decidir por um processo de harmonização da Contabilidade Pública a nível europeu. Tal pode dizer-se que teve início com o Relatório da Comissão Europeia de março de 2013 (*European Commission*, 2013), em que foi decidido avançar para o desenvolvimento de *European Public Sector Accounting Standards* – EPSASs (supostamente mais adequadas ao contexto e às necessidades de informação do países da UE), ainda que tendo as IPSASs como principal referência.

O conteúdo e processos de reforma ocorridos nos sistemas contabilísticos públicos a nível mundial, têm dado aso a muitos estudos e investigação importante, publicada nas revistas científicas mais prestigiadas da área (Broadbent e Guthrie, 2007).

Ora, o contexto atual do setor público, como referi acima, está a criar de novo um campo fértil para o proliferar da investigação na área da Contabilidade Pública, quer no contexto mundial, quer

particularmente no contexto europeu. E os tópicos parecem ser tão diversos que difícil é escolher os mais relevantes!

A introdução da base de acréscimo e as consequências desta na informação financeira preparada e divulgada pelas entidades do sector público sobre diversas operações e aos mais diversos níveis, é um assunto recorrente na investigação em Contabilidade Pública nos últimos 30 anos. Associada à temática das bases contabilísticas utilizadas, está naturalmente a problemática da harmonização internacional, e agora particularmente europeia, em Contabilidade Pública, ou seja, as consequências da adoção, nos diversos países, de IPSASs ou EPSASs. Se muitos países atualmente já têm alguma forma de contabilidade em regime de acréscimo, a questão que se impõe é porque adotar as normas internacionais e que mudanças estas trazem para o relato financeiro público dos diversos países. Haverá verdadeiras vantagens ou será a adoção mais uma consequência dum certo isomorfismo mimético (DiMaggio e Powel, 1991)? Sobre a harmonização da Contabilidade Pública no contexto europeu, questões adicionais se colocam, desde logo sobre até que ponto as EPSASs deverão ou terão que ser diferentes das IPSASs e porquê. Além disto, dado o seu estágio inicial, questões de governação do processo de desenvolvimento do normativo estão ainda a ser definidas. Muito interessante será entender também os fatores que lhe estão subjacentes, designadamente as negociações e compromissos políticos entre os vários Estados-membros. Um outro aspeto prende-se com a reação dos países a este processo: estarão os países preparados para as mudanças, particularmente os diversos organismos que terão que aplicar os normativos? E os profissionais? Que fatores intervêm no processo? Haverá resistências? E os custos envolvidos? Finalmente, importa ainda avaliar as consequências desta harmonização na disciplina orçamental e convergência europeias: já que as IPSASs/EPSASs não abordam nada que se relacione com o orçamento, como fica este em todo o processo? Se é da execução do orçamento que se reúnem os principais dados para as Contas Nacionais na base das quais se aferem a disciplina orçamental, o cumprimento do Pacto de Estabilidade e Crescimento e a convergência europeia no contexto da moeda única, como contribuirão as EPSASs para este processo, aproximando a Contabilidade Pública das Contas Nacionais?

Além do assunto da harmonização, naturalmente colocam-se questões importantes sobre como é que estes normativos e regimes contabilísticos permitirão uma melhor gestão dos recursos e entidades públicas, nomeadamente proporcionando melhor informação para as tomadas de decisão, particularmente por parte dos políticos, e para a transparência e *accountability*, designadamente para com os cidadãos. Assim, outras questões interessantes a serem abordadas pela investigação em Contabilidade Pública poderão passar pelas seguintes:

- Como poderá a Contabilidade Pública apoiar no relato da eficiência e do valor público? Qual o papel da Contabilidade de Gestão (realidade ainda muito pouco estudada no setor público) neste processo? Quais os métodos mais adequados para cálculo dos custos dos bens e serviços públicos?
- Num contexto do setor público com organizações e processos cada vez mais híbridos, simultaneamente com características públicas e privadas, qual será o sistema contabilístico mais apropriado a uma boa gestão e relato financeiro para estas entidades/processos (e.g. PPPs)?
- Como é que a informação financeira é usada pelos gestores e decisores públicos, particularmente políticos, no contexto das suas decisões? Como é que a contabilidade financeira se articula com a

contabilidade orçamental, por exemplo, permitindo a elaboração de orçamentos no regime do acréscimo e/ou na base da performance?

- Como é que os sistemas contabilísticos que resultam destas (novas) reformas, no contexto de harmonização internacional, contribuem afinal para a transparência das contas das entidades públicas e, em última instância, para as contas de um governo (*Whole-of-Government Accounts*), melhorando assim a *accountability*, quer para investidores nos mercados, quer sobretudo para os cidadãos?

Referências

Broadbent, J.; Guthrie, J. (2007), Public sector to public services: 20 years of “contextual” accounting research, *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 21(2), 129-169.

DiMaggio, P.; Powell, W. (1991). The Iron Cage Revisited: Institutional Isomorphism and Collective Rationality in Organization Fields, In: Powell, W. & DiMaggio, P. (eds.) *The New Institutionalism in Organizational Analysis*. Chicago: The University of Chicago Press.

European Commission (2013), *Towards implementing harmonised public sector accounting standards in Member States, The suitability of IPSAS for the Member States*; Report from the Commission to the Council and the European Parliament [COM(2013) 114 final], Brussels, March 6.

Olson, O., Guthrie, J.; Humphrey, C. (1998), *Global Warning: Debating New Developments in New Public Management*, Cappelen Akademisk Forlag, Oslo.

Osborne, S. P. (2006), The New Public Governance?, *Public Management Review*, 8(3), 377-387.

Susana Jorge

Notas sobre Contabilidade



“A contabilidade é aborrecida”, ouve-se com frequência dizer. Talvez seja. Mas ser professor da área não o é. Monotonia não existe, os desafios são constantes.

UM) Não permito o uso de telemóveis na sala de aula. Quando no decurso de uma sessão há alunos que ficam muito rígidos a olhar para mim, as mãos escondidas debaixo do tampo da mesa, isso só significa uma coisa: estão a enviar SMS. O episódio aconteceu recentemente. Desde o início da aula, a aluna parecia uma estátua. E como eu não conseguia alhear-me de tal facto, o seu comportamento distraía-me, a minha tensão aumentava. Aconteceu, involuntariamente: parei a meio de uma frase, talvez vinte ou trinta segundos, não sei ao certo, a turma silenciosa a olhar para mim, na minha mente as perguntas rodopiando vertiginosamente: devo pregar-lhe um “sermão”? Envergonhá-la perante os colegas? Irei perturbar toda a turma? Falo com ela no fim?

Optei por esta última solução. Retomei a aula, a garganta seca, suores frios pelas costas abaixo. No fim, porém, enquanto atendia um outro aluno, ela abandonou a sala, tirando-me a possibilidade de lhe falar. Encolhi os ombros, abri o sistema de informação, pelas fotografias apanhei o seu nome e, por este, o contacto de *email*. Chegado ao gabinete enviei-lhe uma mensagem e, de imediato, na plataforma de *e-learning*, para todos os alunos da unidade curricular, coloquei o seguinte texto sob o assunto “Para reflexão ...”:

“Com frequência o docente defronta-se, no decurso das aulas, com situações de alunos(as) que, disfarçadamente, procurando esconder o que estão a fazer, desligam do momento e situação presente, evadem-se, deixando para trás o corpo ocupando uma cadeira na sala. Divulgo o texto de uma mensagem que enviei a um dos seus colegas. Mensagem que poderia ter sido reenviada muitas outras vezes, tantas são as situações detetadas. Fica para reflexão.

‘Olá ...,

Tenho presente a aula de hoje, em que estive presente. “Estar presente” é, neste caso, um eufemismo, porque na maior parte do tempo você, efetivamente, esteve preocupada (entretida) com outras coisas ... que se os meus sentidos não me enganaram foi o seu telemóvel.

Você é adulta, a vida é sua. Porém, não se esqueça que está a jogar um “jogo” em que eu e os meus colegas de docência também participamos. O seu insucesso será o nosso insucesso, e disso teremos de prestar contas. Isto é, quando passa parte de uma aula entretida com o telemóvel está a afetar a sua vida, mas também a minha (nossa). Isto não é trabalho de equipa, como se comprometeu a fazer no início do semestre.

Termino referindo que fiz um esforço imenso para não a repreender em frente aos seus colegas. Possivelmente era o que deveria ter feito.’ “

Não recebi resposta à mensagem, mas tive a certeza de que chegou à destinatária. Passou a aparecer pontualmente nas aulas, participava ativamente no trabalho letivo, não voltei a ver a cor do seu telemóvel. Não sei o que teria acontecido se outra tivesse sido a minha reação durante a referida aula. Possivelmente, teria perdido a aluna para o resto do semestre.

DOIS) Para mim, o ensino da contabilidade a alunos acabados de chegar à Faculdade não pode reduzir-se a um desfiar de slides coloridos, que o docente lê em tom mais ou menos monocórdico. Tem de ter desafios, tarefas exigentes que os façam descer à minúcia dos detalhes contabilísticos (e que “contem para a nota”, claro). Neste contexto, um dos momentos de avaliação que lhes imponho, em pares, é elaborarem uma monografia que, partindo do relatório de uma empresa e de um conjunto de pressupostos que cada grupo define, contenha a contabilidade previsional para o período seguinte. É nessa altura que cada aluno se apercebe do conteúdo efetivo de um relatório, e desperta para muitos outros assuntos, mesmo para alguns que, por demasiado avançados, não fazem parte do programa.

Personalizar os pressupostos, propondo operações distintas das dos outros grupos, com o objetivo de valorizarem o trabalho, é estratégia que habitualmente adotam. No período de preparação da monografia, num dos horários de atendimento, surgiu-me um grupo, duas alunas, para esclarecer algumas dúvidas. “Nós pressupusemos que a empresa vai dar um donativo a uma instituição de solidariedade. Não está mal, pois não?!” , disse uma delas. Eu concordei, referindo que era situação perfeitamente plausível, e, quase sem pensar, perguntei-lhes como a tinham registado. “Debitámos o Goodwill, creditámos a Caixa”, referiram. Naquele preciso momento, na minha mente, disparou o “sinal de perigo” que soava “não te rias!”, “não te rias!”. Engoli em seco, com esforço mantive a seriedade. Calmamente, expliquei-lhes o que era o goodwill e o conteúdo da conta com o mesmo nome. Rapidamente concluíram que não seria aí que deveriam registar o efeito contabilístico de um ato de “boa vontade”.

Quando se foram embora, sim, dei uma valente gargalhada. Recostado na cadeira, o olhar perdido no horizonte que entrava pela janela, sentia-me feliz. Ganhara o dia.

José António Moreira